

Máquina sagrada: mulher e aborto no cinema kardecista dos anos 2010¹

Fabiano Pereira de Souza²

Universidade de São Paulo

RESUMO

O filme dos espíritos (2011), de André Marouço e Michel Dubret, As mães de Chico Xavier (2011), de Glauber Filho e Halder Gomes, e Deixe-me viver (2016), de Clóvis Vieira, refletem a crescente participação de grupos religiosos no Congresso Nacional, em momento de retrocessos políticos mundiais no estado de bem-estar social. Em diferentes graus, estimulam constrangimento e culpabilização da mulher diante da possibilidade de interrupção da gravidez, por chaves comparáveis às do gênero do horror fílmico e do melodrama. Suas tramas respaldam no cinema pautas difundidas pela bancada evangélica na política, que visam criminalizar todo tipo de aborto.

PALAVRAS-CHAVE

Cinema brasileiro; cinema kardecista; representação da mulher; nostalgia; aborto

¹ Trabalho apresentado no GP Cinema, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Pós-doutorando em História pela FFLCH-USP, email: fabian59@gmail.com

O filme dos espíritos (2011), de André Marouço e Michel Dubret, As mães de Chico Xavier (2011), de Glauber Filho e Halder Gomes, e Deixe-me viver (2016), de Clóvis Vieira, refletem a crescente participação de grupos religiosos no Congresso Nacional desde os anos 1980 (BRAUN; LOPES, 2022). Estimulam constrangimento, medo e culpa na mulher diante da possibilidade do aborto, por chaves comparáveis às do gênero do horror fílmico, como assombrações e possessão por espíritos malignos.

Dessa forma, o kardecismo atua como linha acessória das pautas difundidas pela bancada evangélica na política, já que conta com consultores religiosos alinhados com a ideia de vida humana que nasce na concepção. Influências do horror, da comédia e do cinema-catástrofe dão lugar ao melodrama religioso (CÁNEPA, 2013, p. 60).

A alardeada "moralização do estado" que alimentou a eleição de Jânio Quadros em 1960, a de Fernando Collor em 1989 e a de Jair Bolsonaro, eco local declarado da era Trump, em 2018, indica como períodos de 30 anos têm separado cada retorno de políticas e valores sociais mais conservadores nos ciclos históricos do Brasil, como se nota nas décadas de 1980 e 2010. Nesta última, elaborações restritivas da condição social feminina ganharam as telas de cinema com recorrência notável.

Mesmo com o projeto desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek, da indústria à construção de Brasília nos anos 1950, a reabertura política nos anos 1980 e o saldo das políticas sociais dos governos petistas nos anos 2000 e 2010, as figuras femininas da ficção concentram tensionamentos morais de temas sociais que ligam culturalmente as três épocas, reflexo de um processo originado no cinema e na TV dos Estados Unidos.

Ainda que nos anos 1980 o Brasil até tenha produzido filmes e obras televisivas passados nos anos 1950 ou início dos 1960, refletindo a onda nostálgica bastante difundida em Hollywood, nos anos 2010 o discurso conservador no audiovisual passou a adotar uma abordagem mais direta e militante, de base religiosa, de ataque aos direitos reprodutivos da mulher, especificamente em relação ao aborto. Filmes e novelas deram respaldo a essa empreitada, o que no cinema norteou diferentes produções kardecistas.

Metodologia

Há duas fontes de dados que alicerçam o argumento aqui desenvolvido. Uma é o levantamento bibliográfico histórico que situa os ápices de tendências conservadoras no Brasil, de modo a se estabelecer as bases políticas dessas tendências sociais e culturais.

A outra é a apuração de produções cinematográficas e televisivas de ficção que tragam exemplos de abordagem dos direitos reprodutivos da mulher. Desse modo, o intuito é identificar relações narrativas e expressivas que estabelecem mútua influência entre a criação artística e o contexto político-social em que as obras foram produzidas.

Não se trata de usar a história como pano de fundo da análise, nem usar o filme para iluminar a bibliografia empregada, mas sim evitar isolar a obra de seu contexto. A proposta é identificar pela análise fílmica o discurso que a obra constrói sobre a sociedade em que se insere, reconhecendo ambigüidades, incertezas e tensões, de modo a tratá-la enquanto efetiva dimensão de fonte histórica (MORETTIN, 2003, p. 39-40).

O momento de ascensão mundial da extrema direita nos anos 2010 marca a volta da nostalgia a Hollywood, com uma série de produções passadas na era Reagan, os anos 1980, início da difusão do neoliberalismo a partir de Washington e Londres, neste caso liderada pelo governo Thatcher. No Brasil, não houve recorrência de produções nostálgicas, mas a motivação conservadora para esse saudosismo se evidenciou.

Entre outros fenômenos, pode-se perceber uma produção expressiva de filmes realizados para difundir preceitos cristãos, especialmente evangélicos e kardecistas. É marcante a presença do tema do aborto, sempre tratado com um pecado grave a ser contornado neste segundo grupo. Relacionar os aspectos políticos, sociais e culturais desse período com obras que o reflitam é a proposta da análise aqui desenvolvida.

Fundamentação teórica

No Brasil, a maioria das igrejas evangélicas tem origem nos Estados Unidos e o protagonismo político que buscam se pauta pela teologia do domínio (PEREIRA, 2023), sendo as religiões de matrizes africana tratadas como manifestações do demônio. Para aquelas, a proibição de qualquer forma de aborto, mesmo para crianças estupradas, é habitual. Falta um debate social mais expressivo sobre essa influência cultural.

Indício de mudanças relacionadas ao aborto no país, pesquisa de 2021 apontou queda nos números desse procedimento de 2010 a 2021, de 48% para 39% entre os realizados e de 55% para 43% em hospitais (DINIZ et al, 2023). Os números, no entanto, não são capazes de indicar se de fato houve queda nos números de abortos ou um aumento de receio de declará-lo publicamente, diante da enfática condenação moral.

No Brasil, o kardecismo conta com preceitos comparáveis aos de religiões de matriz africana, a umbanda e o candomblé. Entretanto, sua origem europeia, através dos

estudos sobre manifestações espirituais de Alain Kardec, pseudônimo do professor Hippolyte Léon Denizard Rivail na França do século XIX, lhe confere entre seus seguidores ares científicos – por seguir uma metodologia (DEL PRIORI, 2014, p. 71).

Os preceitos kardecistas também são mais facilmente aceitos por cristãos sem clara vinculação religiosa e católicos não praticantes. A constante citação de Cristo em orações e rituais, aliada à leitura do evangelho bíblico pela ótica do espiritismo, delimita o kardecismo brasileiro como religião cristã e evita embates diretos com evangélicos. O terreno para essa doutrina sempre foi fértil. A ortodoxia católica já perdia força quando o espiritismo aportou no Brasil no século XIX (DEL PRIORI, 2014, p. 76).

Além da crença na reencarnação e nos poderes da mediunidade, o kardecismo brasileiro produz uma enorme quantidade de livros atribuídos a espíritos que se comunicam através de médiuns. Toda essa farta literatura há décadas difunde obras como as de Chico Xavier, que ajudam a difundir também a ideia de um plano espiritual altamente hierarquizado. Desse modo, o kardecismo brasileiro torna-se uma religião profundamente afeita a ideias que pensam mérito pelo viés da meritocracia, métrica tão vigente no discurso neoliberal que desde os anos 1980 se expande na pauta econômica.

Para o kardecismo, Deus comanda tudo em sua sabedoria infinita. O indivíduo deve se preocupar com sua evolução espiritual e o amor ao próximo típico se dá por meio da caridade, postura assistencialista que não incomoda estruturas sociais. Grandes nomes da literatura kardecista, como Xavier e Divaldo Franco, criaram conhecidas obras assistenciais. Há, portanto, lastro social para que suas vozes sejam ouvidas.

A investida no cinema militante kardecista é mais recente, mas tem seus antecedentes em tramas de interação com espíritos desde pelo menos os anos 1930. Quase sempre são filmes que não passam pela vivência do kardecismo. Filmes como *Excitação* (1976) e *Força dos sentidos* (1979), ambos de Jean Garrett, *As filhas do fogo* (1978), de Walter Hugo Khouri e *Uma estranha história de amor* (1979), de John Doo, situam-se, por exemplo, no gênero do horror (CÁNEPA, 2013, p. 57).

Em 1980, ao menos duas obras trouxeram um teor mais militante e doutrinador kardecista aos cinemas *O médium: a verdade sobre a reencarnação* (1980), de Paulo Figueiredo, e *Joelma, 23º andar* (1980), de Clery Cunha. O segundo inclui imagens documentais do incêndio que ocorreu na capital paulista em 1974, pois tem uma das vítimas como protagonista. O drama intenso baseado em eventos reais combina códigos

do cinema-catástrofe, horror e melodrama religioso, dilui limites entre ficção e documentário, mas se afasta de representações feminina mais generalizantes.

Neste século, os filmes sobre vida espiritual passaram a pender acentuadamente para adaptações de livros e personagens importantes do kardecismo. Entre eles, estão Bezerra de Menezes: o diário de um espírito (Joe Pimentel e Glauber Filho, 2008), Chico Xavier: o filme (Daniel Filho, 2010) e Nosso Lar (Wagner de Assis, 2010), estes dois sendo sucessos de bilheteria na casa dos milhões de espectadores.

Quando nos anos 2010 a representação da mulher na ficção do cinema e da TV voltou a reforçar perspectivas conservadoras para papéis femininos, a questão da maternidade se evidenciou enquanto função central da vida de personagens importantes das tramas, condenando-se direta ou indiretamente a ideia da interrupção da gravidez.

As novelas Topíssima (2019), de Rudi Lagemann, da TV Record, e A dona do pedaço (2019), de Amora Mautner, não tentaram dissimular o recado, ao trazerem o tema do aborto como causas da morte de personagens das tramas. A TV Record é inclusive propriedade da IURD, do bispo Edir Macedo. Entretanto, coube ao cinema kardecista abordar o tema com recorrência na tela grande.

Há nos três filmes aqui analisados uma ambivalência diegética, com personagens entre os mundos material e o espiritual. Porém, muitas vezes o esforço está em buscar naturalizar e domesticar essa dinâmica, não usá-la para surpresa e medo, desvinculando-a da relação com o filme de horror. Tal tentativa de depurar contradições, entretanto, não evita que o filme espírita também vague entre dois mundos: o da repetição ou pastiche, e o do gênero emergente (CÁNEPA; SUPPIA, 2017, p. 93).

Mesmo que negada, a influência estilística do cinema fantástico prossegue nas situações de interação com espíritos, às vezes trazendo figuras translúcidas em efeitos de fantasmagoria com atmosfera preparada para as aparições, auxiliada por computação gráfica. Apesar das soluções apaziguadoras, as tramas ainda tendem a retratar o que seus realizadores consideram pecado por chaves do melodrama e do cinema de horror.

Análise

O filme dos espíritos tem o aborto como premissa da trama. É por causa desse procedimento que um jovem casal sofre com a obsessão causada pelo espírito que reencarnaria como seu filho. O filme acompanha a decadência do rapaz que abdicou da

paternidade no alcoolismo, depois que a jovem que seria a mãe morre por conta da interferência causada pelo espírito.

O momento em que o espírito adulto do feto abortado se manifesta numa sessão de desobsessão de reunião kardecista equivale ao de cenas de possessão demoníaca típicas do horror filmico. Sentando de olhos fechados, o ator se comunica em tom ameaçador. Há uma alternância de planos gerais e close-ups. Música extra-diegética instrumental acentua o mistério e a tensão da cena. Com uma risada perversa, o personagem promete destruir a vida do rapaz, como fez com a da moça que teria sido sua mãe. Não há efeitos visuais, apenas o uso de *flashback* para explicar didaticamente o karma violento de uma vida pregressa das personagens no agreste nordestino.

As mães de Chico Xavier acompanha as histórias de três mulheres em situações de desespero em relação aos seus filhos. Uma delas enfrenta o suicídio do filho dependente químico, outra a perda do filho em idade escolar e uma terceira, em contra fluxo, que está em dúvida se mantém uma gravidez de uma relação recente e ainda instável. O drama das duas primeiras acentua o tom de responsabilidade da decisão da terceira. Todas as três mulheres têm suas aflições consoladas por contatos com o personagem do médium mineiro Chico Xavier.

A moça grávida fica sabendo por intermédio dele que o pai da criança, morto durante um assalto pouco depois de saber da gravidez, descobriu que a ama e pede a ela que tenha o filho. É um diálogo simples, de campo e contra-campo, entre Chico e ela. Compensa o tom melodramático da cena em que ela recebe a notícia da morte do rapaz enquanto o espírito deste tenta em vão se comunicar com ela. Por um efeito de pós-produção, a imagem dele se duplica e dissolve em câmera lenta quando ele recua em choque ao se perceber morto. O tom reconfortante é para que a jovem considere o dom da vida que carrega e desista do aborto. Embora ela enfrente a perda do rapaz, o filme é estruturado de modo a ressaltar a qualidade de bênção da gravidez por ser a única das relações maternas na obra em que a vida do filho pode ser salva.

Já *Deixe-me viver* é o filme que mais investe em didatismo e sensacionalismo dos três. Vieira não poupa efeitos visuais para destacar o sofrimento atrelado ao aborto, ao acompanhar o aprendizado do jovem protagonista – que seria o autor do livro que deu origem ao filme – na espiritualidade. Uma moça é forçada pelo pai a fazer um aborto. Durante o procedimento, o vulto distorcido de uma senhora se afasta dela como uma

assombração, se lamuriando, num efeito visual distorcido, alongado e translúcido da imagem da atriz. Sua súplica é reverberada com música instrumental retumbante.

É apresentado o vínculo entre a senhora e a moça, que é sua neta em vias de ser sua mãe na encarnação seguinte. Há ainda uma cena em que uma mulher identificada como aborteira passa por um tratamento de desobsessão coletiva dos fetos de quem evitou o nascimento, apenas com atores interpretando médiuns nesse tipo de passe específico. Noutra cena, há um enorme salão espíritos de fetos, mantidos em pedestais iluminados numa imagem com grande profundidade de campo criada por computação gráfica. "O útero é o maior templo que Deus criou, um milagre", diz o protagonista.

Conclusão

No Brasil, a expansão de valores conservadores afeta diretamente a mulher, seja pela via política, seja pela cultura de massa. O fenômeno se escora na religião de modo a aproximar vertentes cristãs que, embora antagônicas em certos princípios, unem forças para pregar o controle de corpos femininos por meio do cinema, da TV e de campanhas difundidas novas mídias, muitas vezes com dados sem respaldo dos fatos.

Filmes com protagonistas masculinos, O filme dos espíritos, As mães de Chico Xavier e Deixe-me viver exemplificam a empreitada anti-aborto calcada no pecado e na culpa, com recursos narrativos emprestados do horror e do melodrama. As personagens femininas importantes existem tão somente em função da maternidade. Se sofrem, é por não conseguirem valorizar a vida do feto, a única que precisa ser salva nas tramas.

Os protagonistas homens trazem o alento lúcido e pacífico que as tramas defendem ou pagam sua cota de preço pelo aborto com a obsessão espiritual e hábitos auto-destrutivos, caso de O livro dos espíritos, filme em que a vida da mulher que abortou é sumariamente descartada da trama já no início da história.

Desde a onda conservadora da década passada, a Suprema Corte dos Estados Unidos anulou em 2022 as decisões que legalizaram o aborto em escala federal, enquanto no Brasil repetidos projetos de lei buscam criminalizar todo tipo de aborto, mesmo em caso de estupro. Grupos religiosos perseguem crianças que abortam, médicos que realizam o procedimento ou mesmo jovens que doam o bebê gestado para adoção depois desse crime. O imaginário conservador cada vez mais motiva flagrantes e agressivas violações dos direitos da mulher sobre seu próprio corpo.

Referências

BRAUN, Samuel; LOPES, Guilherme Esteves Galvão. Evangelicals and Power in Brazil: from José Sarney to Jair Bolsonaro (1985-2022). In: **International Journal of Human Sciences Research**, v. 3, n. 5, 2023. Disponível em:

https://www.academia.edu/98741676/Evangelicals_and_Power_in_Brazil_from_Jos%C3%A9_Sarney_to_Jair_Bolsonaro_1985_2022_. Acesso em: 23 fev. 2024.

CÁNEPA, Laura. Notas para pensar a onda dos filmes espíritas no Brasil. **RuMoRes**, [S. l.], v. 7, n. 13, 2013, p. 46–64. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/58931..> Acesso em: 24 jun. 2024.

CÁNEPA, Laura; SUPPIA, Alfredo. O filme espírita brasileiro: entre dois mundos. **ALCEU** - v. 17 - n.34 - jan./jun. 2017, p. 81 a 97.

DEL PRIORI, Mary. Do outro lado: a história do sobrenatural e do espiritismo. São Paulo: Planeta, 2014.

DINIZ, Debora; MEDEIROS, Marcelo; MADEIRO, Alberto. National abortion survey – Brazil, 2021. **Ciência e saúde coletiva**, vol. 28, no. 6, pp. 1601-1606, 2023.

MORETTIN, Eduardo Victorio. O Cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro.

História: Questões & Debates In:, n. 38, p. 11-42. Curitiba: Editora UFPR, 2003.

PEREIRA, Eliseu. Teologia do Domínio: Uma chave de interpretação da relação política evangélico-bolsonarista. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S. l.], v. 76, p. 147–173, 2023. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/60331>. Acesso em: 23 fev. 2024.